

A crise de trabalho

Continua sem solução a tremenda crise de trabalho. A despeito da acção desenvolvida pelo proletariado, a despeito das inúmeras sessões e comícios que por todo o país se realizaram acerca da crise do trabalho, esta continua na mesma.

Conseguiu-se a abertura de algumas obras da construção civil, o que atenua um pouco sem resolver uma maneira satisfatória a crise nesta indústria. Quanto às outras indústrias continuam asseveradas pela crise e os seus operários lutam com a fome, com a miséria.

Isto quer dizer que o proletariado não conseguiu demover a burguesia dos seus intentos tenebrosos. As forças vivas prosseguem no seu movimento de traição aos interesses colectivos, encerrando as suas fábricas e oficinas a fim de obrigarem o operariado, pela fome, a alugar os seus braços por uma ninharia.

A crise, dentro do regime ferozmente capitalista em que vivemos, só poderá ser atenuada se o povo trabalhador, exercendo uma forte pressão sobre a burguesia, conseguir fazer com que a finança, o comércio e a indústria abdicuem um pouco do seu egoísmo, das suas ambições, tendo mais em conta os interesses da colectividade.

Verifica-se, porém, que longe de se chegarem a razão e ao bom senso, as forças vivas procuram robustecer a sua triste organização no intuito de defenderem os seus lucros ilícitos, as suas expropriações brutais, os seus crimes repugnantes.

Só a acção bem coordenada e inteligente das massas trabalhadoras pode obrigar os industriais a interessar-se pelas indústrias e não apenas pelos seus lucros, e os governos a transformar em factos as palavras que, por enquanto, não têm passado de promessas.

Se a burguesia não reconhece os direitos operários, senão quanto estes se impõem, prossigamos, intensifiquemos a campanha contra a crise de trabalho, e contra os maneios torpes das forças vivas.

DA RUSSIA VERMELHA

Quem é o novo comissário da Guerra e da Marinha

A vida de Miguel Frounzé que acaba de substituir Leão Trotzky

Miguel Frounzé, o novo comissário do povo para a Guerra e Marinha, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, nasceu em 1885 numa família de camponeses moldavos, no Turquestão. Estudou no Instituto Tecnológico de Petersburgo mas filiou-se logo no Partido Social Democrata Russo, fracção bolchevique, de que foi um dos mais activos militantes.

Em 1905 organizou a famosa greve têxtil de Ivanovo.

Frounzé foi preso muitas vezes. Nos princípios de 1907 foi condenado a quatro anos de trabalhos forçados pela sua actividade revolucionária. Teve a seguir um novo processo por resistência armada à polícia e por isto foi condenado a morte, pena que foi comutada em 10 anos de trabalhos forçados. Pôsto em liberdade em 1914 logo após a seguinte foi de novo preso mas conseguiu evadir-se.

Em 1917, quando da primeira revolução de Kerensky, alistou-se no exército onde iniciou a organização de comités militares revolucionários.

Quando da revolução de novembro, Frounzé pôz-se à frente de um grupo de tropas revolucionárias e foi em socorro de Moscovia onde a revolução bolchevique encontrou mais resistência que em Petrogrado. Chegou ali no dia 13 de novembro.

Em abril de 1919, quando da ofensiva de Kolchak, Frounzé foi nomeado comandante em chefe das tropas de Sudeste e num magnífico ataque de flanco desbaratou Kolchak, pondo-o em fuga através da Sibéria.

Nesta campanha foi ferido com um estilhaço de bomba dum avião, sendo por isso condecorado com a ordem da Bandeira Vermelha.

Frounzé pertence, desde 1920, ao Comité Central do Partido Comunista Russo.

Abd-el-Krim candidato ao califado

CAIRO, 25.—Está oficialmente confirmada que a apresentação da candidatura ao Califado de Abd-el-Krim se efectuou.

Um grupo de influentes muçulmanos egípcios resolveu levar as suas reivindicações ao congresso universal muçulmano, sustentando aí que o chefe rifenide tendo vencido uma grande nação europeia é a entidade muçulmana mais autorizada para empunhar a bandeira do Islam. (L.)

O QUE DECIDIU A INGLATERRA

A ENTRAR NA GRANDE GUERRA, AO LADO DA FRANÇA CONTRA A ALEMANHA

Num artigo recente da «Ere Nouvelle» (Paris) o nosso confrade Albert Danzat escreveu: «Foi a violação da neutralidade belga que contribuiu para modificar a opinião na Inglaterra». Permite-me confirmar esta opinião contando mais uma vez tudo o que observei neste país por essa época.

Havia 4 meses que eu estava com a minha família em Inglaterra quando sobreviu a guerra. Freqüentava os meios radicais e socialistas, isto é os de ideais avançados, e sobretudo amiudadas vezes me avistava com Edmond Morel e sua família que eram nossos vizinhos em Kings Langley (Herts).

Desde que se teve consciência pelos telegramas e pelos comentários dos jornais da gravidade da situação constatou-se com toda a clareza que a opinião pública em Inglaterra entre os esquerdistas opunha-se francamente à intervenção britânica no caso duma guerra continental, enquanto que os partidários da direita, conservadores e ultra-conservadores, eram, pelo contrário, decididos partidários desta intervenção.

A oposição dos partidos avançados tinha essencialmente para uma fracção bastante importante uma causa de princípio: o não-recorso à violência. Mas a fracção que assim pensava era menos importante que a que não queria intrometer-se na guerra por que a aliada seria não só a França mas também a Rússia.

Edmond Morel, por exemplo, repetia-me insistentemente que finda a guerra a Inglaterra ver-se-ia forçada a bater-se com a Rússia sua aliada. Neste caso o melhor seria—dizia—le—aguardar os acontecimentos, e no momento propício lançar na balança a sua frota intacta. Debalde lhe objectava que esse tal momento propício nunca chegaria porque batida a França, a Alemanha seria então forte demais para que a Inglaterra lhe pudesse fazer frente, enquanto que, dizia-lhe eu, unidas desde o começo a Inglaterra e a França podiam estar seguras da vitória.

Nos meios socialistas

Morel não era então (1914) membro da Câmara dos Comuns como, erradamente «Le Temps», sempre bem informado, recentemente o afirmou. Era um jornalista que tinha sido candidato infeliz do partido liberal em Birkenhead. Estava muito ligado aos meios liberais da esquerda, e a sua opinião, era a corrente, entre a grande maioria dos liberais.

Nos meios socialistas e trade unionistas a opinião era idêntica. Sabia-se que no ministério liberal-radical, alguns ministros eram pela participação imediata na guerra, entre outros Sir Edward Grey (actualmente lord Grey), mas não dispunham da maioria.

Tudo parecia portanto favorável à manutenção da neutralidade da Inglaterra, quando se soube da violação da Bélgica pelo exército alemão. Imediatamente, tanto na imprensa liberal da direita e sobretudo na imprensa Northcliffe deu-se uma mudança de tom muito sensível. A lealdade britânica exigia o respeito da neutralidade belga garantida pela sua assinatura.

No dia 3 de Agosto, uma segunda-feira, tive uma entrevista com o meu amigo Keir Hardie na Câmara dos Comuns. Sabia eu que ele era contra a intervenção britânica, e eu queria usar o mais possível da influência que tinha sobre ele. Os meus trabalhos conheciam-o ele como sendo dum internacionalista e dum anti-militarista. Não me considerava portanto suspeito de agir com um nacionalista francês. Fui acompanhado do meu velho amigo James Leakey, socialista londrino.

Keir Hardie convidou-nos a tomar uma chavena de chá no bufete do parlamento.

Um diálogo curioso

As horas que então vivíamos pareciam-nos tão graves que as recordo ainda como se as visse hoje. Keir Hardie opunha-se em princípio a toda a violência. Era a este respeito quasi um tolostoiano. Entre nós travou-se este diálogo:

H.—Então? A Inglaterra sempre entra na guerra?

K.—Eu não o desejo.

H.—Mas porque? Se a Inglaterra não entrar, a França e a Rússia serão batidas em três meses. Guilherme impor-nos há um tratado que nos obrigará a ser um seu satélite. Será a hegemonia alemã sobre todo o continente europeu, o desaparecimento da Democracia, o Império Britânico batido, vencido durante 10 anos pelo menos. Se pelo contrário, vocês se ligam à França, é a derrota segura e certa da Alemanha, é o triunfo da liberdade e da Democracia. Temem a Rússia, não é verdade?

K.—Sim, é verdade, porque com a França e conosco triunfaria a pior das autocracias.

H.—Mas a Rússia seria impotente, na vitória, por não ter dinheiro, que estaria nas mãos da Inglaterra e da França. Para salvar a liberdade de todo o mundo ameaçada, é preciso que entrem imediatamente na guerra. Se o não fazem já, serão a isso forçados daqui a alguns meses e então será tarde demais.

K.—Compreendo a vossa emoção, sois francos e tendes naturalmente o máximo interesse em que se defenda a França.

H.—Não falo assim por ser francês, mas sim por ser socialista-anarquista. A vitória alemã destrói a liberdade do mundo. A união da Inglaterra e da França assegura o seu triunfo. É preciso que entrem imediatamente na guerra, mais tarde será tarde demais.

K.—(que parecia em extremo comovido) Não posso compartilhar a vossa opinião... Mas não desconheço que os telegramas anunciam que a Alemanha violou a neutralidade belga. Nós assinámos um tratado ga-

Os intelectuais contra as forças vivas

O publicista sr. António Sérgio protesta contra a orientação das forças económicas e censura a atitude do «Século»

Dia a dia cresce o protesto dos intelectuais contra o movimento absorvente, perigosamente absorvente, das «forças vivas». É se maior fosse o espaço de que dispomos e se outros assuntos, igualmente da actualidade, não reclamassem a nossa atenção, nós teríamos assunto para muitos meses nesse inquérito que se impõe, para mostrar aos interessados que o país, a grande massa do país, não só em quantidade, como em qualidade, vê com desprezo, e com indignação, esse movimento de desordem em que se lançaram alguns ambiciosos, arrastando consigo umas centenas de descontentes e despeitados.

Para juntar aos depoimentos que aqui temos registado na «Batalha», onde já contam as opiniões autorizadas de homens do valor mental de Coelho de Carvalho, Raul Brandão e Aquilino Ribeiro, temos hoje as considerações do sr. António Sérgio, elemento insuspeito para conservadores, e figura intelectual de relevo.

Podemos nós discordar, algumas vezes, das opiniões do sr. António Sérgio, mas nunca deixamos de reconhecer que a sua inteligência e a sua cultura mental lhe dão direito a ser escutado atenciosamente, já mais sobre assuntos de tam flagrante oportunidade.

No último número da «Seara Nova», em carta aberta que dirige ao sr. Trindade Coelho, vem o sr. António Sérgio analisando a luta em que se lançaram as forças económicas, concluindo que estas é que são as principais desordens, e reprovando, com fundamentos, não só a sua orientação como a do «Século», o órgão jornalístico que todos os dias vem atando uma bem perigosa fogueira.

A certa altura dessa carta, e depois de analisar a situação e citar factos, diz o sr. António Sérgio:

«Vi com alegria, como sabe, o início do movimento das forças vivas. Aqui mesmo o declarei. Sou sempre pela organização das classes, e por tudo que tenda a marcar limites à omnipotência do politiquês. Mas com a seguinte restrição, que logo fiz:

«A expectativa, portanto, é o que nos parece judicioso. Sempre alerta? Evidentemente! Para que o movimento se não torne, de nacional e para o Bem Comum, numa força parasitária de classe.»

«Quando o vi entrar para a direcção do «Século», pensei que actuaria como correctivo, junto dos homens que ali dominavam, de qualquer espírito de oligarquia. Temo hoje, porém, que sejam eles que o arrastem a si...»

«Pois que se viu? O seu periódico, que ia combater os maus políticos adopta os costumes dos piores políticos; alia-se aos políticos mais «políticos» sempre que assim lhe pareceu convir; e mantém os costumes mais censuráveis do jornalismo português.»

«Que há mais repulso, por exemplo, que o modo como se tratou na sua folha a bela defesa de Ezequiel de Campos, na Câmara dos Deputados,—discurso tão nobre e tão sincero que os mais ferozes inimigos se renderam respeitosamente, pois nunca se falara naquela câmara com mais autoridade e elevação?»

«O maior desordeiro, portanto, foi neste lance o «conservador».

«As grandes reformas liberais, como sabe, na Inglaterra do século XIX, foram feitas quasi todas por governos «conservadores». A opinião liberal reclamava, os conservadores faziam. Que quero dizer? Que os conservadores ingleses foram pessoas inteligentes; que ser conservador inteligente é ser «melhorista» com prudência, é querer o progresso sem desordem, é desejar a

justiça sem furor; mas ser melhorista, querer o progresso, desejar a justiça. E' ser o vapor e o volante; ou, se preferir, combinar o volante com o vapor; não é querer inércia e estagnação; não é resistir com os olhos fechados, obrigando à fúria do desespero aqueles que sonham com maior justiça».

«A riqueza, como sabe, cria pesadas obrigações. Não é admissível que se seja rico e se não pense em mais que no próprio bem. Porque não há de dizer aos donos do «Século» que lhes cumpre cuidar do interesse geral? Se lhes não serve essa riqueza para se despojarem do egoísmo, — não são dignos de a possuir.

«Deem o exemplo: o exemplo da calma, da generosidade, da justiça, da previsão. O seu interesse verdadeiro é melhorar a sociedade dentro dos moldes actuais.

«Favoreçam pois, quanto possam, a ascensão do pobre à propriedade; democratizem o nosso Crédito; impulsionem a assistência; promovam a reforma da educação.

«Se querem fazer a propaganda do tipo actual de sociedade, demonstrem às gentes por obra e facto que lhes é possível dentro dele o melhoramento o que aí está. Ouçam portanto com paciência toda a espécie de reclamações; por isso mesmo que são ricos, têm obrigação de as ouvir; por isso mesmo que se dizem cultos, têm o dever de as meditar. Bolchevismo? Anarquia? Mas são eles que fazem a anarquia,—se acaso insistirem no seu egoísmo; são eles que fazem o bolchevismo, se acaso teimarem na sua inércia. Mostrem-se dignos de ser chefes. O estar no comando impõe um dever: o dever magnífico de cuidar da Grei.

«Assim julguei que pensava v. (Trindade Coelho) e que assim diria às forças vivas, ao ir dirigir o seu jornal. Logo de início, como sabe, muitíssima gente o condenou; não fui com esses, porque esperei; mas até hoje esperei em vão. O que não fez, porém, até agora, está talvez a tempo de o fazer. Convença os proprietários do seu periódico, não digo já a ser generosos, mas a ser egoístas com inteligência. Façam eles o necessário para não dar razão à demagogia, que ninguém detesta mais do que eu. Nenhuma classe tem sempre razão, nenhuma merece constantemente o nosso apoio incondicional. A posição intelectual deve estar acima da do político, mas também acima da do mercador.»

Nesses trechos que deixamos transcritos, por mais delicadamente que o sr. António Sérgio collocasse a questão, é manifesta a sua repulsa pelas «forças vivas», e a sua estranheza pela maneira como o sr. Trindade Coelho consente que a sombra do seu nome algumas classes, das mais endinheiradas, pretendam defender os seus interesses, arrastando, por cima, em vítimas.

Podemos discordar, nalguns pontos, do sr. António Sérgio, porque queremos as ideias que defendemos postas com mais largueza, com mais decisão, e até porque nenhuma esperança temos no critério generoso ou justo das tais «forças vivas», mas numa forma geral essas palavras traduzem a falta de simpatia com que os homens inteligentes e cultos estão encarando as chamadas forças económicas.

Estará o sr. Trindade Coelho resolvido a ouvir as boas palavras dos que lhe dizem para se salvar enquanto é tempo?

A nós isso não importa. É um caso para a sua consciência. Mas esta, se não lhe disse já, breve lhe dirá que o seu nome não está bem, nem se prestigia, ao alto dum jornal que é o órgão dos exploradores do povo.

A imprensa estrangeira comenta a atitude da C. G. T. portuguesa

Referindo-se ao apelo que a C. G. T. portuguesa fez no nosso jornal do dia 27 de Janeiro findo, ao proletariado português, o órgão quinquenal do Bureau da Internacional Vermelha «I. S. R.» transcreve o artigo que a ele se aludia e depois sob a epigrafe «Manifestações e protestos contra a crise de trabalho», diz o seguinte:

«No dia 28 de Janeiro fez-se em Lisboa um grande comício contra a crise de trabalho que existe em Portugal, manifestação que foi organizada pelos operários da construção. As duas horas todos os trabalhadores abandonaram o trabalho para se dirigir ao comício. O descontentamento operário contra a crise actual lavra por toda a parte.

Os camponeses e todas as categorias de trabalhadores protestam, organizam reuniões, comícios, etc., enquanto as forças vivas que representam a camada fascista de Portugal, se estão organizando à pressa e se preparam para assaltar o poder.

Em Portugal a situação é bastante crítica: ou o proletariado estreitamente unido e, bem dirigido, consegue quebrar o círculo de ferro das forças vivas que ameaçam estrangular os operários e os camponeses portugueses ou o proletariado, por falta de uma direcção enérgica e decidida e devido à falta de organização, será sufocado pela união das forças da direita, as quais, uma vez no poder, escravizarão o proletariado português pelo espaço de muitos anos.

Se a C. G. T. não quebra todas as tradições e ligações com a pequena burguesia e não se coloca num terreno francamente operário e de luta de classe, organizando a acção contra a reacção cada vez mais forte, o proletariado português terá ainda que passar por dias bastante tristes.»

A reorganização do Sindicato dos Encadernadores

Realiza-se no próximo domingo às 15 horas, na respectiva sede, travessa do Oleiro, 13, uma sessão solene comemorativa da reorganização do Sindicato dos Encadernadores de Lisboa.

As vitórias do feminismo

dependem, em grande parte, da posição económica que a mulher ocupa na sociedade

O que é o feminismo em Portugal? Apenas algumas dúzias de boas-vontades, servidas por uma excelente cultura e uma nobre inteligência sob a denominação: Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Este organismo feminista, cujo único passo decisivo foi a realização dum excelente congresso, não se distingue pela sua energia combativa, nem se expõe ousadamente, talvez pelo receio de que o meio lhe seja ingrato e não compense um gesto praticado fora das praxes da chamada «brandura de costumes», que é uma das mais famosas e imorais hipocrisias que temos conhecido.

O movimento feminista é, quanto ao número, bastante reduzido. A mulher operária—que labuta diária e arduamente nas oficinas—nutre uma profunda indiferença pelo voto e, de preferência, quando se organiza é sempre no sindicato, quando luta é sempre no terreno económico, tomada dum justificado horror e duma incompreensão perfeitamente justificável do facto político, das reivindicações políticas.

Da classe média, essa vive numa indiferença quasi total pelos seus direitos e apenas se organiza, e em reduzida minoria, em associações profissionais como a do professorado e a dos Correios e Telégrafos. Nesses organismos a sua acção é insignificante e raramente se faz sentir. Da mulher burguesa nada há que dizer: é o que o seu meio exige que ela seja. As aristocratas também não entram em conta, barricadas como estão por detrás de preconceitos formidáveis e ridículos, limitando a sua acção na vida social a umas exhibições de caridade, em que se reflete mais mundanismo do que sentimento, mais vaidade do que personalidade e inteligência.

O feminismo encontra-se, neste país, em estado embrionário, caminhando vagarosamente, devido a um sem número de obstáculos, para a consecução do entendimento que lhe torne possível a conquista, por conta própria, das suas mais legítimas e justas reivindicações.

As ideias modernas defendem todas as justas aspirações feministas

O movimento feminista não pretende, como erradamente há quem suponha, a emancipação da mulher. Se tal pretendesse, teria um objectivo absurdo, porque um sexo não se pode emancipar isoladamente, do outro. O feminismo pretende—e grande e total razão lhe assiste—que acabe a monstruosa desigualdade de direitos existente entre os homens e as mulheres; que a frase de Oscar Wilde «a sociedade fez-se para os homens», cesse de ser uma verdade profunda e uma ironia pungente sobre a vida social da mulher.

As ideias modernas, as concepções mais belas e mais justas estão impregnadas de feminismo, reclamam para a mulher os mesmos direitos dos homens, a mesma liberdade e a mesma responsabilidade. O feminismo, como movimento isolado, enfraquece-se bastante com esse reconhecimento, mas ganha por outro lado, pois conquista para a sua causa apreciáveis elementos que muito contribuirão para a sua completa vitória.

Quanto a nós, o que nos interessa, não é propriamente um grande e numeroso movimento feminista, mas sim as conquistas que as mulheres vão fazendo, na forte aspiração de ficarem, na sociedade, iguais aos homens em direitos e em deveres. E temos de confessar que uma grande parte das conquistas morais e sociais da mulher estão dependentes das suas vitórias no terreno económico. E consoladoramente podemos registar que, nesse campo, a mulher tem realizado alguns progressos, que vão reflectir-se inevitavelmente na posição que ela ocupa na sociedade.

As mulheres que vivem no lar e as que lutam directamente pela existência

A mulher não pode ser igual ao homem enquanto a sua existência depender exclusivamente dele. Uma professora, uma dactilógrafa, uma médica, uma advogada, uma operária, desde que consigam pelo seu esforço, obter os meios indispensáveis para a sua existência, deram para a sua emancipação um grande passo.

É a minoria, essa inteligente minoria do Conselho das Mulheres Portuguesas é por elas constituída. Todas essas mulheres que reclamam para todas, absolutamente para todas, igualdade de direitos, possuem a admirável força moral que lhes dá a sua relativa independência económica diante dos homens. A mulher que vive exclusivamente do lar—e, principalmente quando esse lar é pobre e não a maioria dos lares—arrasta uma existência que é um calvário, vive um inglório martírio. Esse calvário, esse martírio, dão-lhe direitos que não inferiores aos das mulheres que vivem exclusivamente do que ganham pelo seu esforço directo. Mas são as outras, as que no terreno económico ficaram em situação de igualdade ao do homem, quem melhor pode lutar pela igualdade de direitos da mulher. A desapaixão dalguns preconceitos, a conquista dalgumas liberdades, provém da posição económica que ocupam na sociedade. E será essa posição económica mais do que as perorações entusiásticas, mais do que as grandes declamações sentimentais, que lhes trará a vitória de todas as suas aspirações. O próprio movimento feminista sem ela não conseguirá viver. E' que as ideias para vingarem necessitam que esteja preparado o terreno em que a semente possa brotar, florir e dar fruto.

Lêdo o Suplemento de «A Batalha»

O CARNAVAL QUE PASSOU

Foi-se o carnaval. E desapareceu sem deixar uma, ainda que ligeira, saudade. Todos — os seus amigos e os seus inimigos — receberam o seu fim, com idêntico suspiro de alívio. Condenado a desaparecer, vivendo da transição, da velocidade adquirida durante séculos, arrasta-se numa decadência inevitável. A tradição — e uma tradição que pesa enormemente na alma contemporânea — é que o mantem e, possivelmente, manterá a sua agonia por alguns anos, tantos quantos anteceder a sua morte. O Carnaval foi, noutros tempos, o riso. Ultimamente tendo sido a náusea. Não diverte ninguém, aborrece e incomoda toda a gente: os que se esforçam por se divertir e aqueles que, reconhecendo inútil esse esforço, anseavam para que ele acabasse depressa, num desejo muito natural e muito humano de se verem livres dum pesado.

O que se viu durante três ou quatro dias aí por essas ruas? Brutalidades sem conto, obscenidades, imundícies, pornografia, reles, espectáculos degradantes. Corolários a tirar: a educação do Povo todo por fazer, a existência duma hipocrisia tremenda na classe média, e a defesa da tradição feita pela aristocracia que se entrenchou nos seus redutos de meia dúzia de palacetes e de grêmios snobs.

Teria o carnaval sido muito diferente de que foi noutros tempos? Não. Apesar da sua lamentável decadência, o carnaval foi ainda o carnaval. E só-lo há de vê-lo desaparecer. Apenas o espírito do século o condenou; as servitudes que o originaram já hoje não têm razão de ser. Que foi ele este ano? Um pretexto para várias empresas comerciais reclamarem, em carros dum evidenciado mau gosto, os seus produtos, metendo dentro deles os seus empregados, que se esforçavam por se assemelharem a autênticos folgozes; um pretexto para muitas pessoas se embriagarem; um pretexto para outras dissimularem uma mendicência, pouco justificada, sob o aspecto das excreções e de grupos musicais.

Um pretexto para a expansão livre de maus instintos, para as «pactas» com areia, para as agressões brutais das colheiras de pau, para provocações irritantes, para insultos, para toda a espécie de ultrajes. Ser-se bruto não é ser alegre, como se feliz não consiste em ser-se estúpido. Sentir que se fere, ofende e agride o semelhante, pode dar a gente deprimida, vivendo sob a influência deletéria de lamentáveis taras, um grande arrependimento de prazer. Extraímos esta consoladora conclusão dos dias maus que passaram.

Onde quer que imperam a brutalidade e a estupididade ninguém está contente, ninguém se sente bem.

Mentiríamos se dissessemos que pouca gente foi atraída pelo carnaval. Ao contrário muita gente ocorreu aos pontos onde se realizaram os divertimentos próprios desta época. Mas, mentira que afirmasse que muita gente se divertiu, ainda que aparentemente. Quasi todos acorreram aos locais onde se esperava grande concentração de foliões, na esperança de ver divertir os outros. Igual esperança se albergara nos outros: de modo que quasi toda a gente passou os três ou quatro dias, nessa expectativa sempre iludida.

Os bailes de máscaras foram, quasi todos, apoteoses insuportáveis de mau gosto, de falsa alegria, de alegria assassina. Em vez de brincadeiras, agressões, de graças, obscenidades, de danses e tirotoe de coisas inofensivas, autênticos certames de pontapés, de pontapés que eram coices.

Toda esta estupididade, toda esta desordem, toda esta brutalidade, inutilizaram alguns dias, e fizeram dissipar muito dinheiro. E, a miséria, a miséria que se não diverte nem tal simula, viveu, em muitos milhares de pessoas, as suas horas de maior afronta e crueldade.

Porque se não há de formar para o ano próximo, uma ofensiva vigorosa que ponha cobro a este destino que a ninguém agrada e de que muitos se fazem cúmplices, por hábito, por cობardia?

Grças «leves»...

No Banco do Hospital de São José receberam curativo e seguiram para casa:

António Santos, 22 anos, de Lisboa, poceiro, calçada do Poço dos Mouros, 59, que perto da residência foi ferido com um tiro na perna esquerda, dizendo ignorar de onde ele partiu.

António Campote, 22 anos, de Lisboa, descarregador, calçada dos Barbadinhos, 153, que foi agredido em Xabregas, ficando ferido na cabeça.

António da Costa Branco, 25 anos, de Castelo Branco, sapateiro, rua dos Lagares, 2, r/c, agredido na rua da Mouraria, ficando ferido na cabeça.

Alfredo Martins Figueiredo, 45 anos, sapateiro, rua Luciano Cordeiro, 44, l.º, direito, agredido no largo do Socorro, ficando ferido na cabeça.

Jerónimo de Almeida, 20 anos, de Mangualde, ferreiro, rua das Canastras, 11, 4.º, agredido na rua Arco do Marquês de Algrete, ficando ferido com uma facada na face esquerda.

José António Miranda, 37 anos, de Aldegaleta, rua Barão de Sabrosa, 50, 2.º, direito, que na mesma rua foi agredido por José Maria, ficando ferido na cabeça.

Francisco Fernandes, 25 anos, de Mondariz, cozinheiro, rua dos Douradores, 77, 4.º, que na mesma rua foi agredido, ficando ferido na cabeça.

Glória Monteiro, 33 anos, de Lisboa, rua do Terreirinho, 70, 2.º, que foi agredida na residência, ficando ferida na cabeça.

...e graças pesadas

Joachim Tomás, 26 anos, condutor de carros, de Torres Vedras, rua do Olival, 111, patio, trajando de «frack» e chapéu de coco, entrou ontem numa taberna na rua Aliança Operária, onde vários indivíduos que ali se encontravam começaram a arroessar-lhe com várias coisas ao chapéu, até que a certa altura o condutor se desmaiou com aqueles acabando por se envolverem em desordem, da qual o Tomás saiu ferido com uma facada no pescoço, outra na orelha direita e outra bastante extensa no lado esquerdo do rosto. Conduzido ao posto de socorros da Cruz Vermelha do

Calvário recebeu ali curativo, recolhendo depois a casa.

Quando anteontem, à noite, seguia pela calçada da Tapada o soldado n.º 87 da 8.ª companhia de infantaria 16, José Nunes Cachicho, foi assaltado por três civis que, depois de o agredirem, tentaram roubá-lo, o que decerto teriam conseguido se não fosse a intervenção do polícia 952, cuja aproximação fez fugir os assaltantes. O soldado foi receber curativo ao posto de socorros da Cruz Vermelha no Calvário de um ferimento na cabeça, recolhendo a casa depois de pensativo.

Atropelamentos

Deu entrada na enfermaria n.º 4, do hospital de Arroios, Rita Ferreira Ramos, 54 anos, de Vila da Feira, travessa das Parreiras, 7, que na rua do Carmo foi atropelada por um automóvel, ficando ferida na perna esquerda e com a direita fraturada.

No Banco do hospital de São José receberam curativo e seguiram para casa.

Olivia J. Vieira, 21 anos, do Porto, calçada de Santana, 81, 4.ª, e Rosália J. Vieira, 19 anos, de 19 anos, de Lisboa, escadarias da Barroca, 16, 1.ª, esquerda, que foram ambas atropeladas na avenida da Liberdade pelo automóvel S. 2269, ficando a primeira ferida na cabeça e pernas e a segunda no braço direito.

Abel João Dente, 13 anos, estudante, rua Bárão de Sabrosa, 9, 4.ª, que na mesma rua foi atropelado pelo automóvel S. 1563, ficando contuso pelo corpo.

A vedação da Avenida

Na sessão de ontem da comissão executiva da Câmara Municipal o dr. sr. Alfredo Guisado lavrou o seu mais veemente protesto contra a vedação da avenida da Liberdade, mandada fazer pelo governador civil, por impedir o trânsito de veículos e prejudicar os transeúntes.

AS DIVIDAS RUSSAS

Procura-se um acordo com a França

MOSCOU, 25.—O sr. Krassine declarou aos representantes dos jornais estrangeiros que vai partir dentro em breve para Paris uma delegação de peritos soviéticos com a missão de proceder ao estudo preliminar da documentação francesa relativa ao problema das dividas.

Essa delegação tratará de examinar as reivindicações dos peritos franceses em paralelo com as reivindicações dos soviéticos, particularmente no que se refere aos prejuízos causados pelas intervenções estrangeiras na Rússia e pelo bloqueio.

O sr. Krassine afirmou que as negociações serão longas, sendo difícil fixar desde já a data da sua conclusão. — (L.)

CAMARA MUNICIPAL

Assistência infantil

O posto de distribuição dos lactários fica instalado no Matadouro sobre as ordens do veterinário dr. sr. João Freire.

No pavilhão do jardim da Estrela vai instalar-se uma pequena maternidade, lactário, com recinto especial para as crianças.

Estão em organização os postos trabalhando-se no sentido de pôderem ser abertos no dia 1 de Abril.

Vão ser promovidos vários espectáculos em Lisboa revertendo o seu produto em favor da assistência infantil.

O PAO

COMO SE ROUBA

Da padaria independente, pestença de Arnaldo Borges da Silva, sita na calçada Mestres a Campolide, foi vendido um pão de 2.ª qualidade com 340 gramas, isto é, desfalcado em 160 gramas, além de ser mal fabricado e exalar um cheiro pestilento.

Também a mesma padaria fabrica pão de 180, o que a lei nenhuma autoriza, e que apenas serve para roubar o público, pois sendo dado aos fornecedores como tendo o peso de meio quilo, apenas pesa 400 gramas.

A direcção do sindicato dos manipuladores de pão protesta contra estes roubos e contra o facto de os vendedores ambulantes, para receberem uma percentagem de 10 %, roubarem escandalosamente o povo.

Imparcialidade ministerial

A cooperativa Abastecedora de Panificação Independente, do Porto, pediu autorização ao sr. ministro da Agricultura para importar 2.000 toneladas de farinha. O ministro apenas deferiu a importação de 500 toneladas com o fundamento de que tão grande quantidade de farinha inundaria o mercado do Porto durante 2 meses, com prejuizo da moagem, a cuja industria provocaria uma crise. A cooperativa não se conformou com o facto e em telegrama protestou perante o ministro, alegando que o inferimento do seu pedido concorreria para o aumento do preço do pão e declarando que vai representar ao Parlamento e às associações comerciais.

FACTOS DIVERSOS

Calendários
Recebemos dois interessantes calendários para 1925 que a firma João Baptista de Barros, & C.ª, Ltd., com o comercio de artigos para tipografia, litografia, encadernação, tipos, máquinas, etc., com escritório na rua do Povo dos Negros, 81, nos oferecem.

Agradecemos.

Carteira perdida
José Caetano Pauleta perdeu, do Lumiar para a Amalcoira, uma carteira contendo mais de 1000 em dinheiro e vários documentos, como recibos, documentos militares e outros. Como esses documentos fazem grande falta, pede a pessoa que achou a carteira, o favor de lhe enviar para a rua Gregório Fernandes, Vila Grândia, Benfca.

CINEMA GIL VICENTE

(A GRAÇA)

Inauguração da temporada cinematográfica

O formidável filme português

As Pupilas do Senhor Reitor

criação do glorioso actor EDUARDO BRANCO com outros artistas de reconhecido mérito artístico

A hilariante criação de Harold

COMBOIO DE RECREIO

(3 ACTOS)

e outros filmes de grande sucesso

PREÇOS POPULARES

CARTA DE INHAMBANE

A COLONIZAÇÃO

As obras do fomento... e a "protecção" ao negro

INHAMBANE, JANEIRO.—Atinge proporções desmesuradas o desejo das autoridades nesta provincia. Todos os distritos de Moçambique e, em especial os de Inhambane, Gaza e Quelimane, são produtivos. Mocimbeque produz actualmente mais de quatro mil toneladas de açúcar. Não produz muito mais do que isso por se não terem ainda feito obras indispensáveis no distrito de Gaza, e a irrigação do vale do Limpopo, depois do que poderia abastecer Portugal e ainda exportar para outros países.

Há 500 quilómetros de via férrea que ainda se não fizeram a pesar de há muito estarem concluídas as tertraplanagens.

Não se aproveita convenientemente a madeira Teca e chafreita que vastas matas produzem.

A provincia podia produzir milho que excederia o consumo da metrópole. Podiam também ser produzidos todos os frutos da metrópole porque se dão bem aqui.

Mas tudo isto e muito mais que poderia valorizar enormemente o solo desta provincia se não faz.

Uma cousa há que não fica por fazer: a exploração do negro.

O trabalhador negro que trabalha de sol a sol e muitas vezes pela noite adiante, sem que alguém tenha o mínimo respeito paga-se-lhe a muito custo 10 schellings por mês, e, isso mesmo, por muito favor. A companhia de Nyassa paga-lhes \$40 por dia. Por isto se pode avaliar a humanidade com que o negro é tratado.

Mas tudo isto nada é se considerarmos que Portugal é um país duro grande espírito colonizador...

Escrevem-nos de Inhambane desmentindo uma correspondência que *A Batalha* publicou há tempos sobre um furto de 500 libras ali cometido.

Na referida correspondência afirmava-se que o acusado Xavier Roque de Noronha estava inocente, tendo estado preso injustamente. No desmentido diz-se o contrário. Ora, como não temos ao nosso alcance meios de verificar directamente a verdade dos factos, aqui registamos o desmentido, como registámos a afirmação.

Sociedades de recreio

Sociedade Alunos de Apolo.—Decoraram muito animadas as festas carnavalescas que se efectuaram nesta colectividade nos quatro dias do Carnaval.

No próximo domingo, às 21 horas, realiza-se um grandioso baile da pinhata, que será abrilhantado a Jazz-Band.

INGLESES

Esta noite repete-se, no Nacional, a engraçada comédia, em que Iida Stichini tem um curioso papel, «Ingleses», que, a pesar do êxito obtido está dando as suas últimas representações.

Agremiações várias

Juntas de Freguezia.—Reúne hoje, pelas 21 horas, em sessão extraordinária, o Conselho Central das Juntas de Freguezia de Lisboa, a fim de tratar de assuntos de expediente e dar posse à nova Comissão de Assistência, eleita na última sessão plenária.

A sessão realiza-se na sede do Conselho, edificio do Amparo, à Mouraria.

Grupo Excursionista «Os Camarteiros».—Reúne hoje, pelas 19 horas em ponto, a assembleia geral para tratar de vários e importantes assuntos. Por ser a segunda convocação reúne com qualquer número.

Nova Vojo.—Reúne hoje, no Curso Prático, tendo resolvido efectuar as suas reuniões regularmente às quartas-feiras e promover sessões de propaganda nos sindicatos operários e na sua sede. Resolveu ainda que os cargos do Curso Prático ficassem ao cuidado dos seguintes camaradas: secretário geral, Costa Júnior; eldona falco, Dias da Silva.

Grémio dos Fiscaes do Município.—Assembleia geral hoje, às 20 horas.

Liza de Instrução e Progresso da Escola Afonso Domingues.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a antiga Direcção conjuntamente com o Conselho Fiscal, no edificio da C. G. T.

Salão da Construção Civil

Concurso de cegadas

Realiza-se no próximo sábado e domingo, às 20 horas, dois concursos de cegadas para os quais são convidadas a concorrer as que obtiveram classificações nos diversos concursos realizados ultimamente em Lisboa.

Serão distribuídos 4 prémios em cada concurso, sendo o 1.º de 100\$00; 2.º 60\$00; 3.º 30\$00 e 4.º 20\$00.

O júri é constituído por indivíduos de reconhecida competência, devendo as cegadas que se queiram inscrever, fazê-lo até à próxima sexta-feira, 27, das 20 às 23 horas.

Coliseu dos Recreios

SÁBADO -- 28 -- SÁBADO

ESTREIA

— DA —

NOVA COMPANHIA

DE CIRCO

Um relatório interessante sobre a Rússia Soviética

O que diz João Turner acerca das perseguições aos anarquistas e aos socialistas

Um dos acontecimentos que mais têm preocupado nos últimos anos os revolucionários de todos os países, e à volta do qual se têm travado discussões apaixonadíssimas, tem sido o da revolução russa.

E o facto de se afirmar que o governo bolchevista estrangulou no seu início esse esperançoso movimento, tem sido o suficiente para serem classificados de contrarrevolucionários e traidores aqueles que ousam fazer tal afirmação.

Ora, como nós, acima de todas as idolatrias de que possam ser objecto certas personalidades, colocamos os interesses superiores das classes que produzem, e as questões que se prendem com a sua emancipação integral, entendemos que, a pesar dos epítetos com que nos possam mimosar, se devem tornar conhecidas, dda a quem doer, as consequências da orientação dada pelos bolchevistas ao movimento revolucionário iniciado pelas massas trabalhadoras da Rússia.

E para isto teremos sempre (como temos tido até agora) o escripto consciencioso de pôrmos de parte tudo o que a este respeito encontramos na imprensa conservadora, desde os órgãos fascistas aos dos sociais-reformistas, tipo Vandervelde, mas aproveitaremos-nos hmos dos depoimentos das testemunhas oculares, cuja sinceridade e dedicação à causa revolucionária, não pode ser posta em dúvida por ninguém de boa fé.

Nesta conformidade, vamos passar a transcrever o relatório de João Turner, membro da delegação inglesa, que recentemente visitou a Rússia.

«Em cumprimento do mandato—escreve ele—do Grupo de Defesa dos Revolucionários de Presos na Rússia, fiz o pouco, que me foi possível fazer para estudar, durante a minha visita na Rússia, a situação dos revolucionários presos pelo governo soviético por delitos políticos.

1.º No que se refere à maneira como são tratados os presos políticos nos diferentes campos de concentração das ilhas Solovietzky, eu comecei o meu inquérito, e representantes do Congresso Sindical Russo, prometeram-me, se a coisa fosse praticável, que eu iria e procederá a um exame no próprio local. Um ou dois dias mais tarde, fui informado que a travessia por mar, assim como a viagem por caminho de ferro, eram impossíveis, por causa do frio e da neve.

Tive, no entanto, ocasião de falar em Leninegrado, com um camarada anarquista, que tinha estado em Solovietzky, e que me informou que os presos eram muito mal tratados pelos carcereiros e guardas da prisão. Tendo perguntado se as condições continuavam tão deploráveis, como quando ele lá tinha estado, respondeu-me que havia uma certa melhoria, mas que era sempre má.

2.º Colhi informações sobre as causas da prisão, da deportação e encarceramento contínuo de Arão Baron. Não pude, primeiro, nada saber em Moscú. Mas, na véspera da minha partida desta cidade para o Sul da Rússia, encontrei-me com muitos camaradas que me disseram que a causa da sua prisão era «suspeita de banditismo». Sua mulher, Fanny Baron, que foi presa com ele, fugiu da prisão, para ser mais tarde presa e fuzilada, dizendo-se por ter atacado um banco, onde houve muitos mortos dos dois lados.

Quando regresssei a Moscú, fui informado que os camaradas tinham recebido a notícia, que Baron ia ser libertado durante este ano (1925); restava saber, se poderia ficar em Moscú, ou se seria de novo exilado.

3.º A situação de Maria Weger que, durante algum tempo esteve no hospital da prisão de Butyrki, em Moscú, é a seguinte: logo que a sua saúde melhorou um pouco, foi enviada de novo para Solovietzky.

4.º A sorte de David Kozan. Foi informado que este homem foi fuzilado há dois anos sob suspeitas de terrorismo. Nada pude saber quanto à sorte de Akhtyrsky.

5.º Não pude descobrir as verdadeiras razões do exílio de E. Rubintchick na Sibéria. Soube que ele ainda lá se encontra.

6.º Da mesma forma não pude obter qualquer explicação da prisão de Olonevsky e da sua deportação para Solovietzky; disseram-me que ainda lá está. Aqueles com quem me encontrei eram de opinião, que o consideravam suspeito de banditismo ou de terrorismo ou ainda o que é aparentemente uma acusação tão efectiva, como indeterminada—de tendências contra-revolucionárias, e que foi por isso maltratado.

Foi-me impossível obter a cópia das actas de acusação dirigidas contra um ou outro dos camaradas acima mencionados, assim como a cópia dos processos verbais ou veredictos referentes aos mesmos camaradas.

A única prisão que tive possibilidade de visitar foi a Butyrki, em Moscú. Pude conversar com Timofeyev, membro do comité executivo do partido socialista revolucionário. Encontrei-o de boa saúde, e muito amargo contra o regime actual na Rússia. Pareceu-me satisfeito e interessado por saber que havia, nos outros países, camaradas que se interessavam pela questão da prisão dos revolucionários.

Informou-me de que havia quatro ou cinco meses, que os presos tinham recebido, pela primeira vez, a permissão de passearem no corredor durante o dia, e de conversarem entre si. A delegação encontrou os presos no suor, e pude falar livremente com todos os que conheciam o inglês ou por intermédio dum intérprete. A conversação podia ter lugar no corredor, assim como em particular, na célula dos presos.

Timofeyev desejava sobretudo, que eu transmitisse os seus cumprimentos a Vandervelde e Liebknecht, e tinha intenção de o fazer por intermédio de Gillis (do Departamento Internacional do Partido Trabalhista). Não pude vêr nem Maria Espiridinova nem Alexandra Ismailovitch, Soube, todavia, que continuavam num instituto médico perto de Moscú, e que são ali—à parte do facto da sua prisão—tratadas razoavelmente pelas autoridades soviéticas.

Quanto à situação russa geral, posso dizer que, como resultado dum inquérito minucioso, constati:

a) Que não há imprensa livre na Rússia, tal como se a compreende na Europa Ocidental e na América; e a publicação do que seria considerado nestes países como jornais inofensivos e independentes é praticamente impossível na Rússia.

A censura é, segundo eu pude observar, muito severa, mesmo para as publicações, que parecem ter um carácter comunista. Por exemplo soube que um jornal independente se publicou em Moscú em 1923. Este jornal ocupava-se principalmente de «tradicionalismo», cooperação e ética. O único facto de se tratar dum jornal independente fez com que a partir do seu segundo número se vendessem 45.000 exemplares. A censura deixou passar ainda o terceiro número. Mas, aparentemente, o facto de que a venda do segundo se tinha elevado a 45.000 tinha assustado as autoridades soviéticas, e a policia invadiu a tipografia, confiscando todos os exemplares impressos—ainda que como já disse, autorizados pelas censura—e pondo os selos no tipo.

Um mês mais tarde a tipografia foi de novo visitada pela policia; desta vez todo o material tipográfico foi «libertado». Ninguém foi preso, e nenhuma explicação foi dada.

Tendo perguntado porque é que o director ou qualquer outra pessoa do jornal não tinha tentado obter informações, respondeu-me, que a experiência tinha ensinado que se se tivessem feito, seriam certamente detidos numa prisão sob o pretexto de lhes fazerem certos interrogatórios, e começarem um inquérito. Em tais casos podia-se estar indefinidamente preso, esperando os resultados de tal inquérito.

b) Naquilo que me pude certificar vi que não existe a liberdade de palavra, nem liberdade de associação para quem quer que seja, excepto para as autoridades soviéticas sob a égide do partido comunista. Não estou certo, se estas autoridades possuem na verdade, a liberdade de palavra ou de associação, ou se elas também devem obter uma espécie de permissão.

c) Conforme as informações obtidas, os presos políticos nas ilhas Solovietzky, nas diferentes prisões da Sibéria, do Turquestão e nos campos de concentração, estão lá por numerosas razões. Um grande número estão ali guardados por suspeita do que se chama na Rússia «ideias contra-revolucionárias». No que pude verificar, isto diz respeito tanto aos que estão à esquerda como à direita do regime actual, assim como aos que agiram de maneira a atrair duma forma ou doutra, a atenção das autoridades sobre si, ou ainda de quem se queixou tornando-se assim susceptível de ser preso e interrogado e depois condenado se as autoridades não ficarem satisfeitas com eles.

Das poucas informações directas que pude obter sobre a forma como são tratados os presos políticos nas prisões e nos campos—compreendendo Solovietzky—conclui-se que a sua situação foi excessivamente má, mas que melhora um pouco agora. A situação parece indicar, que as autoridades soviéticas comunistas estão num estado de pânico quanto à incerteza de poderem manter o seu domínio, e que, em consequência, agem como toda a autoridade em geral, quando sente a instabilidade da sua posição.

Um inquérito minucioso entre aqueles com quem pude entrar em contacto graças a recomendações, parece mostrar que na medida em que o curso das cousas tende a normalizar-se na Rússia, as piores fases do político político, no que se refere à atitude para com aqueles que estão em desacordo com as autoridades, está em via de se modificar.

Tinha esperado poder encontrar Tchitcherine; infelizmente, não estava no hotel na noite em que a nossa delegação foi convidada a encontrá-lo; estava ocupado em visitar muitos daqueles, cuja direcção me tinha sido dada, antes da minha partida para a Rússia.

Procurei ter uma entrevista com ele, quando regresssei a Moscú, mas em vão. Esperava discutir com ele a questão dos presos políticos, não que ele estivesse em condições de fazer qualquer cousa, mas porque poderia, pelo menos, pôr-me em relação com os que poderiam fazê-lo. Infelizmente, como acabo de dizê-lo, foi-me impossível vê-lo.

E' preciso não esquecer que a delegação, de que fazia parte, tinha um programa muito vasto, e que só era em condições excepcionais, à noite, que eu podia—desculpando-me, não poder acompanhar a delegação em certas visitas—entrar em relações pessoais com aqueles que tinha intenção de procurar.

Devo, de resto, acrescentar, que tendo visitado o Museu Kraptokine, tive, no meu regresso a Moscú, ocasião de aí encontrar um grande número de camaradas, que celebravam o que teria sido o 83.º aniversário de Kraptokine. Entre outros, tive o prazer de encontrar Vera Figner.

Não posso, neste relatório, explicar todas as dificuldades, que encontrei para procurar os que desejava vêr. Não conhecendo o russo, e não tendo intérprete oficial à minha disposição—pois que estava naturalmente ocupado com a delegação oficial—passou-se tempo, antes que eu pudesse obter a menor informação de carácter particular. Obtive-as enfim, e já tinha mesmo antes da reunião do Museu Kraptokine, mencionada mais acima, encontrado numerosos camaradas, que me puderam dar muitas informações interessantes e úteis.

JOÃO TURNER.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa de Crédito e Consumo de Viveres de Brão de Prata. —Reúne a mesa da assembleia geral, no dia 4 de Março, pelas 20.30 horas, com a seguinte ordem do trabalho: Apresentação do relatório e contas.

MOLA REAL

Nesta revista, em scena no Apolo, destaca-se pelo colorido e vivacidade que imprime aos seus papéis a gentil Elisa Santos, que na «Francesa», personagem curiosa, cheia de espirito, é agitada em todas as sessões, obrigando-a o público a repellar o interessante número entre o maior entusiasmo.

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha»

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Notícias

Para quarta-feira próxima, está marcada para o Nacional a primeira representação da alta comédia «Vivette», em 3 actos, original do novel autor dramático Jacques Déval, em tradução do dr. sr. Vasco Borges. Dum entrecho sensacionalmente original, embora se trate dum tema já por vezes tratado em teatro, «Vivette» está destinada a provocar uma viva curiosidade, e não apenas por esse motivo, mas também pela forma por que da sua encenação tratou o actor Rafael Marques.

—E' amanhã que, no Eden Teatro se inauguram os espectáculos por sessões, indo à scena, pela primeira vez, ali, a mágica «A Semana dos 9 Dias», que os seus autores Ernesto Rodrigues e Félix Bermudes, remodelaram e actualisaram.

—Estreia-se no dia 10 de Março, no teatro da Trindade a «London Comedy C.ª», que dará 8 récitas.

—Realiza-se hoje no Cinema Gil Vicente a inauguração da temporada cinematográfica com fitas corridas do Tivoli, Condese Central.

Reclames

Reata hoje o seu caminho de triunfos a magnifica revista «Mola Real», em scena no teatro Apolo, agora ampliada com quatro novos números que hoje fazem a sua estreia e que se intitulam «Moedas vivas», «A Garçonner», «Família de enfições» e «Dr. Piranga». A admirável revista, que vai à scena em duas sessões, é a melhor e mais engraçada de Lisboa.

—Continua a dar enches ao Politeama a engraçadíssima comédia «O outro eu» e revista em 1 acto e 3 quadros «Vem cá, não tenhas medo», que no Carnaval findo obteve um successo retumbante.

—No próximo sábado faz a sua estreia no Coliseu dos Recreios uma nova companhia de circo que é composta pelas maiores celebridades artísticas que se têm apresentado nos circos estrangeiros, no número das quais estão incluídas. As 4 Silphides, maravilhosas fantasia aérea, número de absoluta novidade em Portugal; os notáveis equilibristas olímpicos Los Panges; os magníficos acrobatas equilibristas Trio Pillis; o extraordinário número cossaco, com dois cavalos, Antadze; os célebres ginastas de cordas volantes The Tiro Fling Martel; os admiráveis artistas plásticos Trio Lemmys; o magnifico atleta acrobático Posing; a assombrosa fantasia eléctrica Frad Carr e os sensacionais equilibristas Evans and Perez Centurys.

—Continua a dar enches ao Politeama a engraçadíssima comédia «O outro eu» e revista em 1 acto e 3 quadros «Vem cá, não tenhas medo», que no Carnaval findo obteve um successo retumbante.

—No próximo sábado faz a sua estreia no Coliseu dos Recreios uma nova companhia de circo que é composta pelas maiores celebridades artísticas que se têm apresentado nos circos estrangeiros, no número das quais estão incluídas. As 4 Silphides, maravilhosas fantasia aérea, número de absoluta novidade em Portugal; os notáveis equilibristas olímpicos Los Panges; os magníficos acrobatas equilibristas Trio Pillis; o extraordinário número cossaco, com dois cavalos, Antadze; os célebres ginastas de cordas volantes The Tiro Fling Martel; os admiráveis artistas plásticos Trio Lemmys; o magnifico atleta acrobático Posing; a assombrosa fantasia eléctrica Frad Carr e os sensacionais equilibristas Evans and Perez Centurys.

—Continua a dar enches ao Politeama a engraçadíssima comédia «O outro eu» e revista em 1 acto e 3 quadros «Vem cá, não tenhas medo», que no Carnaval findo obteve um successo retumbante.

—No próximo sábado faz a sua estreia no Coliseu dos Recreios uma nova companhia de circo que é composta pelas maiores celebridades artísticas que se têm apresentado nos circos estrangeiros, no número das quais estão incluídas. As 4 Silphides, maravilhosas fantasia aérea, número de absoluta novidade em Portugal; os notáveis equilibristas olímpicos Los Panges; os magníficos acrobatas equilibristas Trio Pillis; o extraordinário número cossaco, com dois cavalos, Antadze; os célebres ginastas de cordas volantes The Tiro Fling Martel; os admiráveis artistas plásticos Trio Lemmys; o magnifico atleta acrobático Posing; a assombrosa fantasia eléctrica Frad Carr e os sensacionais equilibristas Evans and Perez Centurys.

JUSTIÇA MILITAR

Cinquenta e cinco presos vítimas duma grande arbitrariedade

Presos no Forte da Graça estão cinquenta e cinco indivíduos que estão sendo vítimas duma grande arbitrariedade. Todos eles foram condenados em penas variáveis de três a seis anos de deportação militar, devendo já ter sido enviados para Africa.

A sua reclusão no forte da Graça é um atentado contra a sua saúde e a sua vida. Em Africa ainda viveriam um pouco. Ali morrer-se-ia lentamente.

São insalubres os calabouços; é intolerável a comida e, quanto a hygiene, verifica-se a mesma falta de atenção que nas outras cousas.

A deportação é injustamente um mal, mas não há o direito de assassinar assim os presos sujeitando-os a um mal maior.

Consta-nos que esses presos estão dispostos a declarar a greve da fome se lhes não for dado o destino que lhes foi marcado pelo tribunal.

Porque não se legalisa a situação desses indivíduos livrando-os dum supplicio a que não os condenaram os seus algozes?

OS QUE MORREM

Fernanda Gomes da Costa

O Conselho Administrativo do Sindicato e a Secção Profissional dos Estudadores do S. U. da Construção Civil convidam o operariado da industria que o queira fazer, a acompanhar o funeral da menina Fernanda Gomes da Costa, filha do nosso camarada estudador, Bernardo Costa, que sai da rua Veríssimo Dias, 58, ao Arco do Carvalho, pelas 14 horas, para o cemitério de Benfca.

A Secção Profissional dos Estudadores, faz representar-se no funeral.

João António Ferreira

Com uma concorrência extraordinária realizou-se anteontem o funeral do sr. João António Ferreira, antigo mestre dos pintores da Companhia Nacional de Navegação. O préstimo fúnebre saiu de sua casa rua dos Caminhos de Ferro, 100, 1.ª, para o cemitério do Alto de São João, incorporando-se nelle numerosas criaturas de todas as classes sociais e as associações: Grupo Recreativo «Os Bem Intencionados» (com 50 crianças); Associação Protectora dos Animais; Associação dos Pintores da Construção Naval; Troupe Guitarristas Oriental e muitas corais e ramos de flores naturais oferecidas pela família e amigos do finado.



Prossegue o movimento contra as "forças vivas"

A atitude da Federação Nacional dos Tanoeiros

O Conselho Federal da Federação dos Tanoeiros e Anexos, depois de se ocupar de outros assuntos, apreciou a constituição e a atitude da União dos Interesses Económicos. O conselho congratula-se pela agitação desenvolvida em todos os organismos aderentes locais de trabalho da indústria, contra aquela tigrina instituição, resolvendo aconselhar e orientar a persistência da mesma campanha, e dando detalhado conhecimento à C. G. T. de toda a acção dispendida.

Mais apreciou a constituição da «Liga dos Interesses Sociais», resolvendo abster-se de lhe dar qualquer apoio, enquanto não conheça as bases e objectivos da sua constituição.

O protesto da Construção Civil da Guarda contra a ditadura patronal

GUARDA, 23.—As salas da Associação 1.ª de Maio, encontravam-se repletas às 15 horas, quando Damião Ferreira da Silva declara aberta a sessão de protesto contra a U. I. E. A mesma secretariaram Ernesto dos Santos Gonçalves Pereira e Alvaro Lopes.

Lida a circular enviada pela C. G. T. sobre o assunto em causa, Damião Ferreira da Silva explica os fins da direcção, fazendo um cerrado ataque à União dos Interesses Económicos. Ernesto dos Santos Gonçalves Pereira, que se segue, começa por saudar a assistência, saudando também os camaradas da Indústria Têxtil do Rio. Diz dos objectivos e manobras dos «forças-vivas», chegando a apresentar alguns factos comprovativos do perigo das ditaduras italiana e espanhola. O orador relembra os tempos da Inquisição, e termina por aconselhar uma forte união do operariado.

Abílio Augusto refere-se a alguns erros operários, citando o facto de alguns abandonarem a dita sessão e não participarem neste protesto. Termina, pondo em evidência a ameaça que sobre o operário pesa.

Joaquim Ferreira Pinto refere-se às manobras da U. I. E. e do patronato, e em todo o seu depoimento ataca grandemente a obra dos ditadores.

Ernesto Pereira volta a falar para se referir ao facto doloroso de dois camaradas da Indústria Têxtil da Covilhã andarem mendigando, apelando para a assistência. Esta, secundando o apelo, promoveu uma quele a favor dos dois desempregados que rendeu 29\$10. Por fim foi aprovado o seguinte:

1.º—O proletariado da Guarda reúne em sessão de protesto, resolve estar vigilante para qualquer movimento que a Confederação Geral da Guarda inicie.

2.º—O proletariado da Guarda sauda a Batalha, a C. G. T., e o proletariado mundial.

3.º—Protestar contra a crise de trabalho e baixa de salários.

4.º—Protestar energeticamente contra a U. I. E.

5.º—Dar todo o apoio moral a U. I. S.

Depois foi encerrada a sessão com vivas a Batalha, organização operária e revolução social.—(C.)

CONFERÊNCIAS

A crise de Angola

O professor Vergílio Costa, realiza hoje, às 21.30 horas, na Avenida Elias Garcia, 110, uma conferência sobre a situação do Banco Nacional Ultramarino perante a crise de Angola.

A necessidade da Caixa de Assistência dos Marítimos

O Sindicato dos Mestres, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, no intuito de levantar o moral dos seus sindicados no sentido de os interessar pelos assuntos de carácter educativo moral, social e ideológico, resolveu promover uma série de conferências, para o que já conta com vários elementos de valor no meio social.

A primeira conferência tem lugar no próximo domingo, 1 de Março, pelas 14 horas, sendo conferente José dos Santos, oficial da Marinha Mercante, que desenvolverá o seguinte tema: «A necessidade da Caixa de Assistência e Previdência aos Marítimos».

«Literatura nacional» pelo dr. sr. Sá Oliveira

O dr. sr. Sá Oliveira realizou ontem mais uma conferência sobre este tema. Foi lido e comentado o canto do «Camões», de Garrett, sendo feitas referências especiais à acção de Nuno Álvares em Aljubarrota, à grandiosa concepção do Adamastor e à chegada dos portugueses à Índia.

Arte portuguesa

Amanhã, pelas 21 horas, efectua o dr. sr. João do Couto, na Universidade Popular Portuguesa, a 2.ª conferência sobre «Arte Portuguesa» acompanhada de projecções luminosas.

Canalizador

Precisa-se. R. do Registo Civil, 34 B, 34 C

Uma ótima obra que ninguém deve deixar de adquirir

Trata-se do romance histórico por Eugénio Sue «Os Mistérios do Povo» que revela a história duma família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JÁ SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SÉRIE DE 10 TOMOS. 5\$00

A responsabilidade profissional

Era-me preciso achar um meio de acção que levasse grandes massas do povo à concepção e aceitação duma verdadeira e séria combinação dos inseparáveis sentimentos de dignidade humana e liberdade e de solidariedade.

Creio que tal meio se pode obter, se forem convenientemente combinados e utilizados os dois elementos atrás discutidos, a saber: a necessidade de interessar o público (a massa dos trabalhadores) economicamente nas greves, do mesmo modo que os próprios grevistas, — e a necessidade para os trabalhadores de um sentimento de responsabilidade quanto ao seu produto, levando-os a empregar esforços para deixar de prejudicar os seus semelhantes com um trabalho anti-social.

Tal meio daria um impulso aos sentimentos de respeito de si mesmo e de solidariedade e portanto conduziria grandes massas ao caminho da liberdade, tornando-as acessíveis a uma propaganda mais avançada, pois os ensinamentos da propaganda já não seriam contrariados pela vida delas e nossa no mesmo grau em que hoje o são.

As grandes linhas deste plano de acção, a meu ver, são para o operariado: recusar executar trabalhos nocivos ao público e, para fortalecer a sua posição, expor a este abertamente como ele é enganado e defraudado; e para o público: apoiar esses movimentos, as greves assentes em tais bases, por meio de uma simpatia activa e da boicotagem. Greves assim podem acabar com proveito para os grevistas e para o público, desta vez realmente à custa do capitalista, reduzindo-lhe os lucros. Não podem destruir as raízes do actual sistema, pois nenhuma greve o poderá fazer, salvo se ela for a recusa categorica de trabalhar para o lucro, a greve geral, a revolução social, mas podem unir, mais do que estão hoje, as classes trabalhadoras e as greves perderiam o seu carácter exclusivista e tornariam acontecimentos de interesse colectivo, coisa que elas são hoje apenas pelos sentimentos e convicções pessoais de alguns, não pela sua base económica.

Na prática, estas táticas podem naturalmente assumir formas múltiplas. Antes de tudo, devem penetrar na consciência dos sindicalistas e socialistas depois disto, não faltarem os esforços praticos.

Se por exemplo as classes organizadas da construção resolvessem que nenhum associado tocaria em picos — não ajudando a construí-las nem a concertá-las — e expuzessem ao mesmo tempo ao público o carácter de irremediável insalubridade de qualquer remendo em tal direcção, a questão do alojamento tornaria aos olhos do povo uma importância bem maior do que a anterior, a despeito de todas as campanhas de imprensa, comícios, comissões, etc., que tivesse havido. Não admira que o povo se tenha conservado indiferente a toda essa agitação, pois vê que de facto tudo continua na mesma; estes, que são por exemplo caixeiros, vêem, os seus próprios amigos e vizinhos, operários construtores, perpetuar a miséria das habitações com seus ridiculos concertos, em quanto eles lhes retribuem a amabilidade vendendo aos construtores, camponeses, etc., géneros envenenados para comer ou beber. Uns degolam os outros e o capitalista puxa os cordelinhos. Se a casa é por fim condenada, não é pelos moradores, que não precisam de fazer outra coisa senão abandoná-la, nem pelos operários que a concertam e que igualmente outra coisa não necessitam fazer senão deixá-la, mas pelas autoridades sanitárias, que operam por solidariedade com as classes ricas, protegendo-as contra o contágio dos focos de doença! A iniciativa e o respeito de si mesmo são pouco conhecidos entre as vítimas do actual sistema, e não se deveriam poupar esforços para os criar, sendo um dos meios próprios para tal fim o sentimento de responsabilidade.

Se os sindicatos dos operários construtores londrinos decidissem não pôr as mãos nas vastas extensões de pardeiros do oriente e sul de Londres, passaria logo para o primeiro plano a questão, não só do alojamento, mas ainda da propriedade terreal. O público responderia ao grito de *Não mais renda!*, e os caixeiros poderiam ajudar retirando-se; recusando continuar a manusear os géneros abomináveis que hoje vendem. Isto poderia lembrar a alguns habitantes do East End (Extremidade Oriental) a ideia de examinar mais de perto as disposições das casas no West End (Extremidade Ocidental) ou de estudar os aprovisionamentos nas docas. Em todo caso, haveria alguma probabilidade de nos livrarmos das piores fealdades do East End — o que é alguma coisa — e a grande quantidade de obra nova e limpa que os operários da construção teriam para fazer em melhores condições indemnizá-los-las do sacrifício de tal greve.

Que os sindicatos dos operários têxteis revelem o fabrico de panos podres e recusem continuar a tecê-los. Mesmo as secções menos importantes, cuja ocupação consiste em dar a essas mercadorias uma aparência exterior de brilho, maciez e resistência, poderiam fazer alguma coisa para informar disto o público, dando o primeiro impulso ao movimento.

Do mesmo modo, quanto aos trabalhos químicos, o infernal alvalde e outras coisas assim, nos quais é o próprio trabalho, não o produto, que arruína a saúde, nenhuma comisseração ou piedade, nenhuma legislação parece eficaz. Para fazer desistir esses officios, seria preciso cobrir de vergonha os que neles se deixam assassinar, considerando-os piores do que fura-greves, como realmente são, pois que tentam de pé essas ocupações, e em quanto estas durarem, novas vítimas as vezes, no começo, inconscientes do que vão fazer, — veem todos os dias substituir as que caíram antes.

Ou então, não poderiam os empregados de comércio ganhar muitas das suas reivindicações imediatas, se a sério resolvessem considerar como desonroso mentir ao público como agora fazem para, vendendo muito, manter ou melhorar a sua situação? O público seria naturalmente por eles, boicotando o comerciante obstinado, que seria abandonado com a sua droga inferior e descredida. E realmente difícil que o povo em geral sinta simpatia por esta classe de trabalhadores, tais como são hoje: podemos lamentar o seu longo dia de trabalho e sujeitar-nos com boa cara aos inconvenientes que às vezes nos causa o encerramento das lojas cedo, mas sabemos que a nossa simpatia não impedirá o caixeiro

de nos vender por frescos géneros velhos, se assim o quiser o patrão.

Em suma, como consumidores não podemos ter simpatia pelos instrumentos do capitalista, e como em ambos os casos as grandes massas são de trabalhadores, estes ficam divididos e hostis entre si, e só uma acção prática, a solidariedade mútua pode vencer tal hostilidade, pois as convicções e os sentimentos são também bons factores, mas não conveem a todos os casos.

Acho que estes exemplos, bem ou mal escolhidos, que sejam, esclarecem de certo modo o meu pensamento, que aliás não depende do valor deles. Vejo perfeitamente a dificuldade de romper a marcha nesta direcção e proponho a discussão da questão da responsabilidade como o primeiro passo. Uma vez compreendido e aceite um princípio embora por poucos, apresentam-se indivíduos, sem chamamento, sem preparação, sem organização, para proceder em conformidade com eles. Um movimento pode partir da menor oficina, largando os operários a ferramenta e negando-se a fabricar por mais tempo produtos sem valor ou nocivos; ou pode ser inaugurado segundo as formas ortodoxas, por decisões de congressos, etc.

A ideia, no fim de contas, é apenas um pequeno passo em frente no caminho da solidariedade: se um homem que contribui para a baixa dos salários, etc., dos seus companheiros é despedido como traidor por causa do seu acto anti-social nesta questão, que esse despriso se estenda a qualquer obra anti-social; e se os trabalhadores, particularmente, não vêm primeiro este princípio, que o povo o veja e conforme com ele os seus actos.

Tudo isto pode parecer duro e sem coração, mas só vejo duas alternativas: ou ser puramente sentimental, fechar os olhos à razão, ter pena de chorar pelo soldado morto ou ferido, ou pela polícia às vezes amolado no desempenho do seu dever; ou ser lógico — e nesse caso não se pode achar desculpa para qualquer acto anti-social, a não ser a falta de preparação do povo neste ponto, devendo ser por isso o nosso primeiro cuidado tratar de chamar a atenção pública para o assunto. Ignorando ou negando o princípio de responsabilidade, seguimos simplesmente a via falaz da superficialidade e da cobardia, lançando para cima dos outros as culpas a que nos esquivamos, ou do puro sentimentalismo, em vez de aceitar enfim uma verdade molesta. Digo molesta, pois aparentemente aumenta o esforço que resta fazer para se poder esperar uma transformação real, — mas, como já disse, se o povo continua como é, a mudança nunca virá.

Do que precede resulta claramente que é dupla a minha proposta: despertar o sentimento de responsabilidade e utilizá-lo para o que chamarei greves colectivas no interesse público, como atrás indiquei. Se as últimas forem consideradas impraticáveis, substituir sempre a primeira proposta, e outros meios se devem procurar para promover e aproveitar aquele valiosissimo sentimento. Estou firmemente convencido de ser indigno de um homem o causar a seus semelhantes todo e qualquer dano que o capitalista lhe manda praticar, supondo justificá-lo com esta sombra de desculpa: *Sou apenas um instrumento*. Isto pode bastar aos que aceitam o presente sistema e estão contentes com o papel de instrumentos dos capitalistas e de escravizadores dos seus semelhantes; mas os que, rejeitando o presente sistema social, cometem no entanto aqueles actos anti-sociais, são inconscientemente cobardes, que nunca derribarão realmente tal sistema. *Pouco homens que se emancipem, primeiramente no seu íntimo, depois recusarem executar trabalhos que perpetuem a miséria e escravidão dos seus semelhantes e assim criem uma larga corrente de simpatia e solidariedade, base adequada de uma acção mais avançada.*

Esta acção económica é a que me parece mais ao alcance de um homem que se sente livre e acha a base da sua liberdade na liberdade e bem-estar dos outros. Se não pode recusar de todo trabalhar para o capitalista, pondo assim termo ao sistema actual, procurará de certo modo não trabalhar em detrimento dos seus semelhantes, impulsionado pelo respeito de si mesmo e sem querer saber se a solidariedade deles corresponderá ou não imediatamente à sua. Tal é o método anarquista: fazermos nós próprios o que queremos ver feito.

O velho método político autoritário consiste em lavarmos dia após dia, proclamando essas coisas como inevitáveis e portanto perpetuando-as, e em esperarmos que outros façam por nós o que nós mesmos não queremos ou não podemos fazer (expressões bem amáveis tomadas uma pela outra). Não aceitando este princípio basililar em política, devemos rejeitá-lo em matéria social na mais vasta proporção e consequentemente acentuar a responsabilidade de cada um relativamente ao que faz.

Apenas acrescentarei que, discutindo-se este assunto, o termo *moralidade* não deve ser empregado no sentido de ter eu pedido que os trabalhadores se tornem mais morais. Não me servi para o caso desta palavra, que está sujeita a falsas interpretações. O que desejo é que antes de tudo se tornem respeitosos de si próprios, dignos e livres; e então a sua própria consciência lhes dirá que se neguem a praticar actos anti-sociais, no mais largo sentido, assim como recusam ser delatores e fura-greves. Está muito bem dizer: destrua-se primeiro o sistema capitalista e depois adquirirão tais qualidades; mas quem é que há de destruir esse sistema, pergunto eu, desde que o dogma de Marx — que os capitalistas se devoraram entre si sem deixar um só — já não nos alenta como por tanto tempo fez aos social-democratas?

Em conclusão, repito que não desejo diminuir a importância de qualquer método existente de propaganda, mas gostaria de ver discutido o que apresento, especialmente quando anarquistas se encontram com operários sindicados. Uma extensão da acção das uniões de officio, indo das questões puramente corporativas a esforços pela emancipação de todos, poderia, ter uma saída decisiva e ganharia as simpatias de todos os que se sentem livres e desejam que os outros o sejam igualmente.

Também me seria grato que fossem aqui comunicados esforços anteriormente feitos na mesma direcção e que eu omito.

M. NETTLAU

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

O conflito entre os corticeiros de Grândola e o industrial José de Brito continua insolúvel

GRÂNDOLA, 22.—A pesar de todas as artimanhas do industrial José de Brito, o conflito entre este e os quadros do seu serviço prossegue inalterável.

Aqueles operários, esbaldados em 40% nos seus salários continuam lutando denodadamente para manter os salários identificados com a tabela existente antes do conflito.

Sabemos que aquele fabricante se dirigiu a São Brás de Alportel para recrutar corticeiros que fossem substituir os grevistas. Mas os cálculos mais uma vez erraram, como que a demonstrar a sua medíocre visão, pois até ao momento desta redigirmos os «canários» ainda não apareceram.

Todavia, o sindicato respectivo na previsão de nova arremetida do supremacismo fabricante, previne o operariado corticeiro de todo o país que não deve aceitar qualquer contrato de trabalho para Grândola, seja a que pretexto for, enquanto durar a greve.—E.

O SINDICALISMO EM MARCHA

Organiza-se o Sindicato Rural de Via-Glória

VIA-GLÓRIA (Mértola), 22.—Com regosio fez-se nesta aldeia a inauguração do Sindicato dos Rurais. Grande número de rurais de pontos afastados acorreram aqui, manifestando o seu contributo para a sua emancipação.

Pelas 15 horas abre a sessão Centeno Passos, que a mesma preside, secretariado por Manuel Costa e F. A. Ximenes. Manifesta Centeno Passos a sua grande simpatia pela organização e recorda velhos tempos em que propagou o socialismo. Cede em seguida a palavra ao delegado dos Sindicatos dos Mineiros de S. Domingos, que por incumbência da Comissão organizadora põe à discussão alguns pareceres que em reunião, antes, haviam sido pela mesma redigidos, e que foram aprovados por aclamação, do que se concluiu serem eleitos membros da Direcção deste Sindicato os seguintes trabalhadores: F. A. Ximenes, Tomé Mourão, F. A. Caetano, António M. Godinho e José G. Caetano, respectivamente, secretário geral, secretário administrativo, tesoureiro e vogais; também foi aprovado o parecer da comissão sobre a supressão da joia e aumento de cota. Após alguns esclarecimentos sobre o valor e acção dos organismos centrais, é aclamada unanimemente a adesão à Federação dos Trabalhadores Rurais e C. G. T.

O delegado dos mineiros lê um breve discurso, que diz ser ditado pela sua consciência, assumindo a sua responsabilidade. Sauda os rurais de Via-Glória e arredores em nome dos mineiros organizados de S. Domingos. Fala do trabalho sentidamente e dos sofrimentos dos trabalhadores; do Capital revoltadamente e dos instintos maus dos seus possuidores. Refere-se à religião e seus crimes, aos governos e suas promessas e compara a força dos trabalhadores organizados com a minoria patronal. Diz que já sabe terem circulado por ali boatos de que alguns iriam abaixo de escolta, e afirma que os ambiciosos e comodistas de muito são capazes, mas não conseguem entrar a marcha da evolução. Aconselha os trabalhadores a abandonar todos os vícios prejudiciais, em especial a taberna, frequentando o seu sindicato, onde aprenderão a conhecer a verdade. Deseja que paz e harmonia exista entre todos os trabalhadores e termina saudando de novo os trabalhadores ali reunidos.

Segue-se no uso da palavra Joaquim J. Candeira, delegado da Federação, que vem expor porque e para que somos associados. Fala muito tempo, atenciosamente escutada, da Federação e dos Sindicatos. Refere-se à comunidade e associação dos animais chamados da espécie inferior, cujos exemplos devem confortar os trabalhadores para a luta. Alude ao facto de ter pizado centenas de hectares de terra sem cultivo numa época em que milhares de trabalhadores estão privados de trabalho. A exploração exploração ignobil de que são vítimas as mulheres dos trabalhadores, ainda mais aviltantes que a dos trabalhadores. Refere-se também à sua vida de trabalhador, às perseguições de que tem sido alvo, sentindo sempre vontade de continuar na luta que ainda jovem soube compreender. Durante a sua palestra foi muito aplaudido.

Fala em seguida Florival da Graça, do G. de Lropaganda e Estudos Sociais de S. Domingos, incitando os trabalhadores a associar-se e instruir-se para bem da humanidade. Ataca a ideia Patria, que os trabalhadores também devem considerar uma mentira. Sauda os trabalhadores de Via-Glória e arredores.

Antes de terminar a sessão, fala de novo o delegado do Sindicato dos Mineiros, que vai daqui satisfeito pela acção dispendida pelos trabalhadores e suas famílias durante o acto, lamentando que os potentados daquela região se tenham escondido neste dia, pois lhes queria dizer que ele, orador, não possui forquilha ou outros utensílios para empregar os trabalhadores porque não aprendeu a arte de roubar; no entanto o amigo dos trabalhadores como desejaria que eles, os potentados, o fossem para seu em... para bem de todos.—E.

SOLIDARIEDADE

A favor dos presos sociais

Recebemos dum grupo que exhibiu pelo Carnaval um Drama Social representando a Liberdade, Justiça, Religião e um condenado a quantia de 50\$000 percentagem da sua receita líquida em auxílio dos presos por questões sociais.

Uma velada social

A comissão organizadora da velada social pro-presos sociais e Secção do Beato e Olivaes, realizada há dias, roga a todos os camaradas a quem foram entregues bilhetes a fizeis de fazerem as suas liquididades até às 21 horas de hoje, considerando vendidos os bilhetes que não forem liquidados até a esse prazo.

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

Federação Nacional de Tanoeiros e Anexos.—Sob a presidência do delegado dos Tanoeiros do Porto e Gaia, reuniu o Conselho Federal que, após ter tomado conhecimento do expediente e indicado o respectivo despacho, entrou na apreciação do movimento pró-abolição do trabalho pelo regime de empreitada que se distende do norte a sul do país, constando-se ainda resistência de alguns operários e do industrialismo.

Foi resolvido distribuir um manifesto por todo o país aconselhando a resistência dos que já reivindicaram aquele direito, e apelando para todos os empreiteiros para que as suas férias não ultrapassem em caso algum os salários da tabela, a fim de se não dificultar mais a colocação dos muitos desempregados.

Em seguida apreciou a atitude da Associação dos Industriais de Lisboa no concernente às reclamações do Sindicato dos operários da mesma localidade, considerando-a o Conselho Federal desleal. Ficou estabelecido que na primeira oportunidade a Federação lançará um movimento pró-reconhecimento do novo regulamento do trabalho.

Foi tomado completo conhecimento das negociações com o governo referentes à questão do vaziante de torna-viagem, horário de trabalho e exportação vinícola para as Ilhas, regosiojando-se o conselho por ver já atendida esta última reclamação, e as outras duas em vias de solução, resolvendo intensificar-se mais apertadamente as negociações com os ministros das Finanças e Trabalho até completa legalização das reclamações pendentes.

Finalmente foi tomado conhecimento da constituição e adesão à Federação do Sindicato dos Trabalhadores de Armazéns, de Faro, sendo resolvido saudar o novo organismo e enviar lá um delegado para promover uma sessão de propaganda na primeira oportunidade.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Na pretérita sexta-feira reuniu a comissão administrativa que, entre outros assuntos, constatando com regosio a maneira como acorrem à sede os seus associados, que atentamente acomodam a leitura na biblioteca, congratulando-se também com o facto da Universidade Popular no próximo mês continuar as suas conferências, que por motivo de obras foram interrompidas.

Resolveu responder a uma pretensão da União Anarquista Portuguesa e outra do Núcleo da J. S. (Secção Metalúrgica).

Resolveu identificar a propaganda junto dos sócios, no sentido de contribuírem para o desenvolvimento da sua biblioteca. Exarou na acta um veemente protesto contra a atitude nefanda e criminosa que está exercendo uma entidade composta de bandidos e que dá pelo nome de «Cavaleiros da Luz», pondo todos os metalúrgicos de alerta para que estejam prevenidos para corresponderem dignamente a quando perseguidos por essa seita.

Por último aprovou mais 14 propostas para novos sócios.

Compositores Tipográficos.—Na última assembleia geral foi resolvido elevar a cota para 70\$ a qual ficou tendo a seguinte aplicação: 20\$ para a F. L. J.; 20\$ pró-sede; 10\$ para o «Gráfico»; 10\$ para o cobrador e 15\$ para a renda do gabinete, U. S. O., limpeza e expediente.

—Pela direcção foi resolvido passar as cadernetas para 380.

—O movimento associativo no mês de Janeiro foi de 457 sócios contra 460 no mês anterior.

—O saldo para Fevereiro foi de 6.027\$65 assim distribuído: Em cofre, 202\$14; solidariedade pró-desempregados, 766\$10; pró-sede, 3.944\$60 e pró-movimento dos jornais diários, 1.114\$31.

—Como vários sócios querem saber o motivo porque não se encontra nos balancetes do sindicato o saldo do penúltimo movimento das casas de obras, informamos a classe que essa importância, em virtude de pertencerem a 3 classes, se encontra depositada à ordem da F. L. J., como foi resolvido numa assembleia magna.

Operários Municipais.—A fim de normalizar a cobrança e debelar as deficiências da mesma, convidam-se todos os cobradores a enviarem para a sede a relação dos sócios a seu cargo com respectivos nomes e números. O prazo para a entrega das relações termina no próximo sábado.

Fragateiros do Porto de Lisboa.—Reuniu a assembleia geral, resolvendo por votação nominal irradiar por tempo indeterminado 9 sócios pertencentes à casa Weesse, por estes não cumprirem com as resoluções da assembleia referentes ao rateio de trabalho naquela casa, a fim de debelar a crise de trabalho.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Conselho Inter-Sindical da Marinha Mercante.—A 21 horas este conselho para um assunto urgente.

Profissionais Culinários.—A 22 horas, a assembleia geral para tratar de assuntos de interesse para a classe.

Empregados Barbeiros.—Assembleia geral, às 21 horas, para apreciação do parecer da comissão revisora de contas.

Federação da C. Civil.—Para se ocupar de diversos assuntos, pelas 20 horas, o Conselho Federal.

Federação Mobilíaria.—Comissão administrativa.—A 20,30 horas.

Manipuladores de Pão.—Pelas 16 horas, a direcção com todos os militantes da classe para resolver um assunto da máxima importância.

S. U. Metalúrgico.—Com a presença dos delegados da associação dos Caixeiros de Lisboa, pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Compositores Tipográficos.—A Direcção e Conselho Fiscal às 18 horas.

S. U. da Construção Civil.—Conselho Técnico.—Pelas 21 horas, a Comissão Administrativa.

Comissão Escolar.—Pelas 20 horas, esta comissão, a fim de tomar conhecimento da resolução do júri ao concurso de cegas, e fazer a isso publicação devendo comparecer os camaradas que constituíram o dito júri.

Operários Alfaiates.—A 21 horas, a direcção, extraordinariamente, para tratar de assuntos importantes.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

S. U. C. Civil.—Secção Profissional dos Serventes.—Reúne a comissão administrativa amanhã.

Operários Alfaiates.—Reúne na próxima terça-feira, a assembleia geral com a ordem de trabalhos já anunciada.

Manufatureiros de Calçado.—Reúne amanhã, às 21 horas, a assembleia geral para continuação dos trabalhos. A esta assembleia devem comparecer todos os camaradas que desempenharam delegacias no primeiro semestre de 1924.

Cabouqueiros e Fabricantes de Cal.—Reúne amanhã, às 21 horas, a assembleia geral.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Pede-se às Secções que têm em seu poder bilhetes da velada da Secção do Beato e Olivaes a virem à sede deste Núcleo liquidar as respectivas importâncias até amanhã, pelas 24 horas.

—Sendo necessário que os delegados à conferência juvenil interpretem o mais fiel possível o mandato das suas respectivas secções, a comissão administrativa do Núcleo lembra às comissões executivas das mesmas a conveniência de fazerem reunir as assembleias para apreciar as teses já publicadas e a publicar na Batalha.

Central.—Para apreciar as teses: «Propaganda das Juventudes Sindicalistas» e suas Modalidades» e «Organização interna das Juventudes Sindicalistas» reúne amanhã, pelas 21 horas, a assembleia geral da Central. Só tomam parte na mesma os jovens filiados na Central. Lembra-se aos delegados à conferência que a assembleia não poderá reunir-se sem a sua comparecência.

Secção Mistra do Beato e Olivaes.—Para um assunto urgente reúne hoje, às 21 horas, a comissão executiva.

As 20 horas reúne a comissão de propaganda e delegados à conferência juvenil.

Reúne amanhã, às 21 horas, a assembleia geral.

Secção Metalúrgica.—Reúne amanhã, às 21 horas, a assembleia geral para apreciar as teses a apresentar à Conferência Juvenil.

A luta operária na Palestina

A fábrica de óleos Shemen, de Caifa, fechou definitivamente, em consequência duma greve dos seus operários, que durou perto duma semana. Esta decisão foi tomada pela Sociedade, por as negociações entre patrões e operários não terem dado resultado.

Os grandes moinhos da Palestina, que pertencem à Palestine Jewish Colonization Association, retomaram a sua actividade, tendo havido um acordo entre a administração e os empregados.

Rendimentos dos operários

Esmagado por uma locomotiva

BARREIRO, 22.—Quando ontem andavam trabalhando nas novas oficinas do Sul e Sueste, foram chamados a auxiliar manobras de comboios vários operários da construção civil. Em virtude da manobra de uma máquina, feita inesperadamente, ficou esmagado por ela o servente Manuel Matos, filho de Joaquim Matos, deixando na miséria sua mulher Alice de Oliveira Matos e uma filha.—E.

A venda na administração de «A Batalha»

A Anarquia e a Igreja, por Eli-seu Reclus, com uma gravura e biografia do autor..... 1\$00
Folhas Perdidas, por Augusto de Sousa (sonetos, quadras e fados)..... 10\$00
O Amor e a Vida, por Campos Lima (contos)..... 5\$00

«A VOZ DO OPERARIO»

Reúne hoje, às 20 e meia horas, a comissão de defesa desta instituição, a fim de se ocupar dum assunto urgente e da máxima importância.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, pelas 21 horas, os advogados dra. Sobral de Campos Campos Lima, darão consultas jurídicas a todos os operários confederados que delas necessitem, tendo para isso que apresentar as respectivas cadernetas em dia.

Em defeza própria

Virgílio Nunes, que, conforme relatámos em 12 do corrente, foi preso à ordem do Inspector Pina, dos caminhos de ferro da C. P., estando na prisão 8 dias, e sendo solto por não se ter feito prova de delito algum contra ele, procurou avistar-se com o director da companhia para apresentar a sua queixa. Não conseguiu fazer-se ouvir porque o director não recebe cartas ou pessoas para tratar de queixas.

Porquê? Está o director convencido de que os seus subordinados são santos?

Aos colecionadores de o Suplemento «A Batalha»

Previnem-se os colecionadores de o suplemento semanal de A Batalha que se está preparando umas capas artísticas e um índice que veio melhorar consideravelmente esta preciosa edição.

Aqueles que desejem adquirir as referidas capas e índice, devem desde já fazer as suas requisições, a fim de se poder regular a tiragem.

Brevemente haverá também colecções do 1.º ano para a venda, formando um volume de cerca de 400 páginas, optimamente encadernado em percalina, com um índice de todas as matérias contidas, para fácil consulta das cent